

# CULTURA

Em Brasília falta um  
local de encontro  
para literatos

"Há quatro anos existia em Brasília um ponto de encontro de pessoas interessadas em literaturas. As reuniões se realizavam todos os sábados à tarde na Livraria Civilização Brasileira e nelas se encontravam intelectuais, políticos, jornalistas, escritores. Depois, com a mudança na direção da livraria esses encontros deixaram de ser realizados e até hoje muita gente que participava deles ou que soube de sua existência se ressentiu do fato deles não mais existirem."

Para José Roberto, balconista da Livraria "Casa do Livro" o interesse na literatura se fundamenta na informação nos debates, numa análise conjunta de novas tendências nessa arte. Por isso acha necessária a criação de um novo ponto para que encontros daquele tipo voltem a acontecer. "Nós temos tudo para isso", afirmou, "inclusive a diretora da "Casa do Livro" se propõe a oferecer uma sala de reuniões. O único problema é estimular as pessoas a formarem um grupo inicial, atuante."

A criação de uma sala de debates literários, para José Roberto, além de possibilitar uma abertura e um estímulo maior aos jovens escritores para o seu empenho em publicar seus livros, preencheria um buraco da vida social de Brasília, cuja população intelectualizada vive às voltas com a falta de programas culturais".

**FUNDAÇÃO CULTURAL  
DO DISTRITO FEDERAL**

**EMBAIXADA DA ROMÉNIA**

APRESENTAM

NOITE DE FILMES DOCUMENTÁRIOS

SOBRE A CULTURA E ARTE POPULAR

ROMENA

"Passos para Brancus" — "Calouste" — "8000 anos"  
"Reportagem da região de Bine"  
20/agosto/74

Escola Parque — 21 horas

ENTRADA FRANCA



**Quinteto Violado  
No  
Golden-Room**

Dia 23 do corrente, sexta-feira, o famoso conjunto musical QUINTETO VIOLADE, estará se apresentando no Golden-Room do Brasília Palace Hotel, em apresentação única e exclusiva. O início será às 24 horas e as reservas poderão ser feitas pelo telefone 23-9405.

BRASÍLIA PALACE HOTEL  
Setor de hotéis de turismo



O maestro Levino Alcântara está, todos os domingos, no Martins Pena, às 10 horas, apresentando o seu "Concerto para a Juventude".



No próximo domingo, vá assistir ao «Concerto para a Juventude»

JBR — Quem é que pode participar do Concerto?

M — Qualquer grupo. Nossos programas são feitos visando atingir todas as áreas da música. Desde música clássica até música pop. Entra tudo. Não se procura promover de forma nenhuma a chamada música erudita, termo que eu não gosto.

JBR — Por quê?

M — Porque eu acho que este termo muito cientificado. Música para mim é música seja de que gênero for. A única diferença entre um tipo de música e outro é que a música clássica ela é mais trabalhada, exige maior tempo de estudo por parte do praticante, enquanto a chamada música popular é mais simples e todos podem, bem ou mal, fazê-la. A música "erudita" deve ser estribada na música popular. Se a música tradicional de um país, não estiver baseada na sua música popular, ela deixa de ser "música de país" e passa a ser "música de indivíduo".

JBR — Maestro, como vai a promoção do Concerto para a Juventude por parte dos órgãos oficiais?

M — Ah, este é um problema muito sério. A verba que nós recebemos da Fundação Cultural, não é ótima mas também não é ruim. É uma colaboração para as atividades de nossa Escola. Mas quando chega na parte da publicidade, a coisa morre pois elas não têm dinheiro para promover o concerto como ele merece. Pensamos, então em promover uma reunião, seria um pequeno coquetel, para toda a imprensa de Brasília de maneira geral, a fim de conversarmos e vermos se alguma coisa pode ser feita no sentido dos jornais manterem sempre uma coluninha, que faria referências sobre as atividades musicais de Brasília de maneira geral e os programas de nossos concertos. Faremos também um concurso de cartazes para a propaganda dos concertos. Com este concurso, iremos atingir pelo menos três pontos importantes: 1º, a criatividade da juventude; 2º, participação do aluno no concerto, mesmo que seja só através dos cartazes; 3º, a divulgação do concerto. Este concurso iriam participar uns 100 mil alunos ou menos e isto de alguma forma despertaria o interesse dos alunos de Brasília, para os concertos.

JBR — O que é o "Concerto para a Juventude" e qual a sua meta?

Maestro — "A preocupação do Concerto para a Juventude não é a exibição de pessoas famosas, mas um lugar onde todos possam ter sua vivência musical, seja como profissional, aluno ou ouvinte. Daí o porque de nós de vez em quando entrarmos em choque com pessoas que ainda têm aquela mentalidade de que concerto é só na base de paléto e gravata e não música por música simplesmente. Nós vemos música como uma necessidade interior de cada um na sua formação como ser humano, para sua formação cultural e como uma necessidade de vida, pois no nosso mundo moderno, o homem está muito preocupado com seu laboratório ou sua máquina. Ele precisa ter mais alguma coisa além disso para humanizar mais suas atividades, pois se ele tiver só sua máquina e seus cálculos, ele ficará sem dúvida muito limitado àquela área específica em que está trabalhando".

JBR — Os "Concertos para a Juventude" correspondem à todas estas expectativas?

M — Na verdade, eles ainda não estão como nós gostaríamos. Os motivos podem ser resumidos em três principais: 1º, nós precisamos de um material especial para o atendimento de certas necessidades que surgem em determinadas apresentações. Por exemplo, se ao som de cada instrumento corresponder-se uma cor destinada, — está é uma teoria subjetiva mas existente — cada vibração sonora estaria relacionada por uma cor que seria projetada ou projetadas, como for o caso, no decorrer do concerto. Se nós conseguíssemos o aparelho que produzisse esses efeitos, os espectadores poderiam sentir o acontecimento de uma forma sensorialmente mais completa. Isto poderia ser conseguido parcialmente com a utilização de dois ou mais projetores funcionando de maneira conjugada; segundo, estamos fazendo um esforço para ver se conseguimos nas fábricas ou lojas de discos, produtos para que possamos premiar os participantes e sortear discos ou fitas gravadas entre os espectadores; 3º, esta é uma questão minha em particular. Preferiria que o apresentador não fosse só eu. Pretendemos treinar alguns jovens com conhecimento do assunto a ser tratado e lá no "concerto" ele falaria sobre o

JBR — Estes participantes são pagos?

M — Não posso dizer que são. Nós damos uma gratificação de 200 cruzeiros para ele pagar o transporte, comprar corda para seu instrumento, compensar as horas que ele dedicou para ensaiar e preparar o seu trabalho, seria um incentivo somente.

JBR — Como o senhor vê a música erudita entre os jovens brasileiros?

M — O problema da música chamada erudita entre nossos jovens é um problema de formação e informação. O que se pode esperar musicalmente de um jovem que nunca realizou atividades musicais nenhuma? Ele aceita aquilo que ele ouve diariamente, seja que tipo de música for. Se ele vive e foi criado num lugar em que se ouve a música chamada de erudita, ele vai gostar de música erudita. Se ele só escuta música caipira, ele vai gostar sempre da música caipira. Não vai aqui nenhum preconceito contra a música caipira. Não. A música caipira existe dentro de contingências históricas que a justificam. A ideia central de tudo isto é que tudo depende do meio e das condições em que a pessoa vive.

JBR — Qual a idade para se começar a aprender música?

M — A princípio não há a idade ideal. Todos podem aprender música em qualquer idade. É claro que o adulto que comece a aprender tem muito mais dificuldade e tem um grande tempo perdido e irrecuperável atrás desse período de esforço dobrado em seu aprendizado. A criança que comece cedo, ela cresce com a música. É como se a música fizesse parte de seu desenvolvimento e crescimento.

JBR — Voltando ao assunto anterior, o Concerto para a Juventude tem algum vínculo com os outros existentes no país?

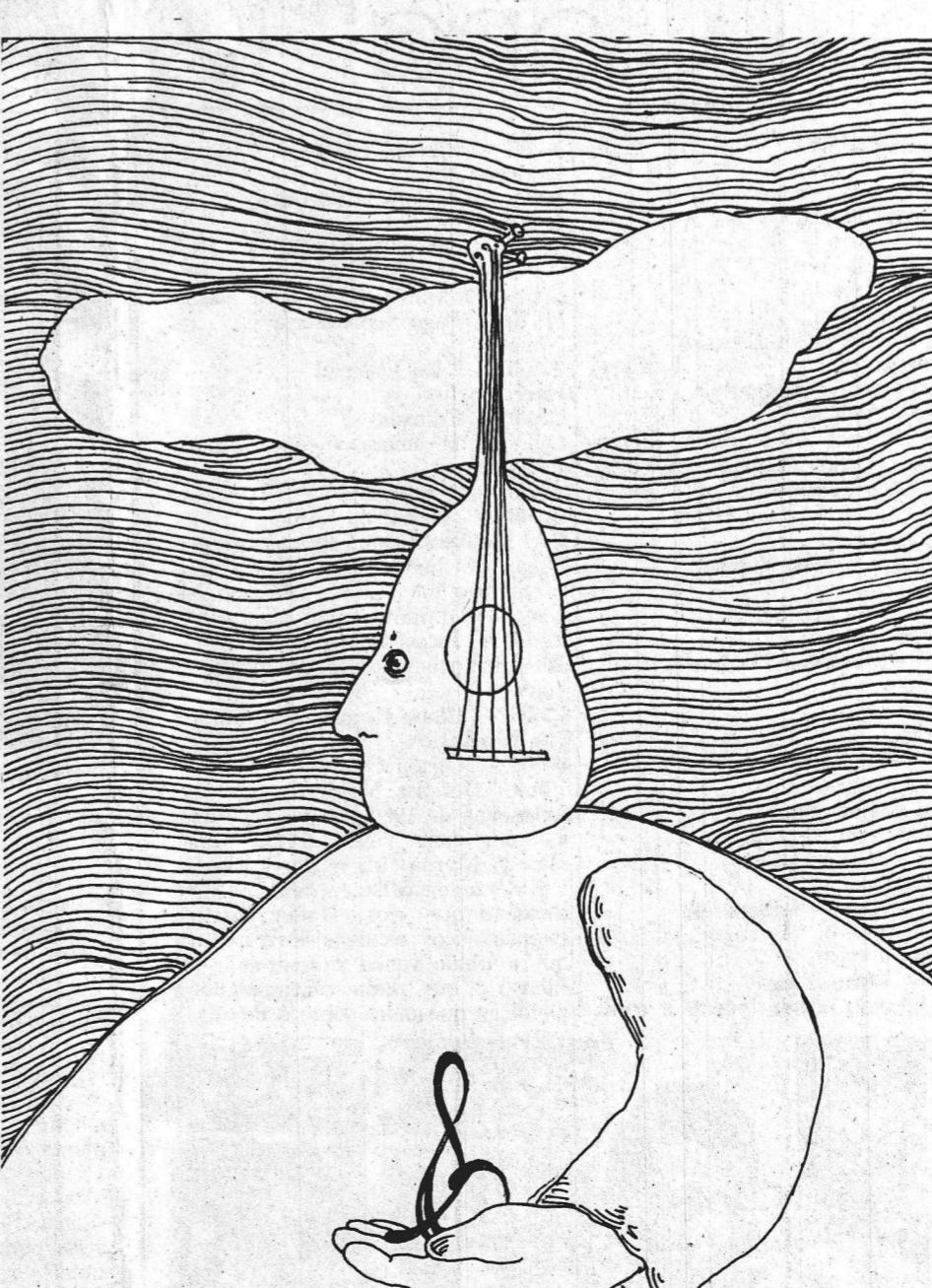
M — Em todas as partes do mundo existem os chamados concertos para jovens. Muitos nomes foram sugeridos mas eu ainda prefiro Concerto para a Juventude, mas não temos nenhuma ligação com os outros concertos de jovens no país.

JBR — Por que a entrada é franca já que o concerto não sofre da falta de público?

M — Em todas as partes do Brasil em que há os concertos para juventude, eles são pagos de alguma forma nem que sejam pagamentos simbólicos. Aqui em Brasília, no começo nós pagávamos as pessoas para virarem para cá. Criou-se então o costume de que em Brasília deve-se oferecer tudo para os visitantes. Aos poucos isto foi mudando. No começo todos os concertos que haviam no Martins Pena eram de graça. Depois a Fundação começou a cobrar alguma coisa e foi aumentando aos poucos. Nossos concertos, porém, continuam com entrada franca e eu acho que mesmo que fossem só dois cruzeiros, alguma coisa deve ser cobrada. Temos porém que conscientizar as pessoas aos poucos da importância de se pagar alguma coisa.

JBR — Como o senhor encara a música clássica e, em particular, essas promoções do gênero do Concerto para a Juventude, no Brasil?

M — Nós, no Brasil, estamos numa fase de transição entre um sistema de herança tradicional para um sistema essencialmente tecnológico do futuro. Estamos no meio. Estamos imprensados pelo amanhã e pelo ontem, sofrendo as influências dos dois. Temos que preparar gente para ouvir, preparar gente para executar, preparar no nível intelectual para o amanhã e fazer todo esforço para desenvolver no povo uma mentalidade nova para que no futuro breve estejamos à altura de qualquer outro país. O Brasil nesta situação que se encontra agora, está muito mal. O Governo, sem dúvida, está preocupado e está procurando incentivar ao máximo todas as áreas da arte. Mas só ajuda financeira ou ficar fundando escolas de arte não adianta. O mais importante seria motivar os jovens para uma maior participação artística em todos os sentidos, porque, se não, os jovens e a população de maneira geral ficará para trás culturalmente em relação a outros países. Esta formação musical deve começar na escola maternal. Paralelamente à educação deveríamos construir mais praças, conchas acústicas, teatros, incentivar a formação de bandas de músicas locais e promover encontros de jovens simplesmente para fazer música e conhecer música bem feita.



Evandro Salles